

# *Com Quantos Paus se Faz uma Canoa?<sup>1</sup>*

## *Identidade Cultural no Ensino de PLE: as Unidades Fraseológicas*

Gislene Lima Carvalho

Universidade Federal do Ceará

### **Resumo**

Este trabalho tem o objetivo de analisar em que medida a cultura brasileira está representada em livros didáticos de ensino de Português como Língua Estrangeira, com foco nas unidades fraseológicas (UFs), expressões peculiares ao idioma e que estão imersas na cultura em que são utilizadas, sendo imprescindíveis para a comunicação.

**Palavras-chave:** cultura; unidades fraseológicas; PLE.

### **Abstract**

This study aims to examine the extent to which Brazilian culture is represented in textbooks for teaching Portuguese as a foreign language. The paper focuses on phraseological units (PUs), expressions that are peculiar to the language and that are immersed in the culture in which they are used. It is considered that these expressions are indispensable for communication.

**Keywords:** culture; phraseological units; Portuguese as a foreign language

## **INTRODUÇÃO**

O ensino de línguas é um processo complexo que sofre influência de fatores internos e externos à própria língua. No caso de línguas estrangeiras, o processo é ainda mais influenciado, pois além dos fatores inerentes ao processo, existe ainda a interferência direta das culturas dos falantes nativos da língua e de seus aprendizes, representadas na cultura do professor e nas diferentes nacionalidades dos alunos. Segundo Almeida Filho (2009), todas essas variáveis possibilitam diferentes tipos de aprendizagem.

O processo de ensino de línguas estrangeiras visa à formação de falantes competentes em uma língua da qual o aprendiz não possui domínio e, muitas vezes, não possui conhecimento da cultura que a subsidia, limitando-se ao que sobre esta ouviu

---

<sup>1</sup>O título deste artigo é um exemplo de unidade fraseológica estando, portanto, relacionada à nossa cultura.

falar. Neste sentido, o ensino não deve prender-se somente à nomenclatura gramatical, mas, sobretudo, ao desenvolvimento da competência comunicativa do falante nos mais diferentes contextos de comunicação.

Para que se atinja este objetivo, o ensino de língua deve estar relacionado à cultura peculiar do povo, a qual interfere e, de certa forma, determina sua interação com o mundo. Portanto, ensinar uma língua é, antes de tudo, ensinar a cultura de um povo, pois a linguagem reflete a identidade cultural da comunidade que a utiliza. Assim:

Dissociar cultura de ensino de língua é privar o aluno do conhecimento do *modus vivendi* dos falantes de uma língua específica. Somente o conhecimento da cultura torna possível chegar ao sentido de determinadas expressões. (...) se a cultura for negligenciada, a compreensão acerca de determinadas construções linguísticas inexistirá (Mattes & Theobald, 2008: 9)

O termo cultura tem sido amplamente discutido nas diversas áreas do saber, com variadas definições. No entanto, duas definições são básicas: a primeira, segundo Almeida & Gutierrez (2004), mais individual, estabelece que a cultura é adquirida pelo homem em sua busca pelo conhecimento; seria, portanto, a cultura obtida na relação entre o homem e a sociedade em que vive. A segunda concepção seria aquela mais geral, que aborda a ideologia, as crenças ou ideias que peculiarizam um povo, uma determinada sociedade que possui sua própria forma de expressão, de ser e de estar. O termo “cultura” pode ser ainda utilizado no plural para referir-se a uma comunidade multicultural, que apresenta diversas formas de manifestação cultural, como é o caso do Brasil.

Neste trabalho, o termo cultura será mencionado na segunda acepção, ou seja, será considerado como tudo o que caracteriza uma sociedade, suas ideias, costumes, crenças, comportamentos, bem como sua forma de interação com o mundo e como estes costumes interferem na linguagem desta comunidade, visto que, segundo Geertz (1978), cultura é o contexto no qual os símbolos são inteligíveis, ou seja, descritos com densidade.

A linguagem faz parte do que é cultura, sendo mais uma representação desta. Estudar uma língua estrangeira, então, significa entrar em contato com a cultura de outro povo, levando o aprendiz a refletir sobre sua própria cultura e de como esta interfere na língua, proporcionando a interculturalidade entre os falantes. A consciência da cultura do outro, em comparação com a própria, possibilita ao aluno maior

conhecimento e reflexão sobre o uso da língua do outro e também de sua língua materna. Pois, como afirma Ortiz Alvarez (2002:5):

Ao relacionar a cultura nativa e a cultura-alvo, promovem-se contatos de confrontos, por meio da análise de valores, da interpretação e da recepção de significados desses valores, o que desenvolve a capacidade de avaliar essa nova cultura, tentando-se aproximar e inserir nela.

Um bom conhecimento da cultura possibilita melhor desempenho linguístico, visto que facilita a compreensão de como se dá sua interferência na língua de um povo.

Um exemplo dessa interferência é o uso de algumas unidades linguísticas que são comuns a todas as línguas, mas que a criação e a forma de uso são peculiares a cada idioma, pois se relacionam à cultura de cada uma em particular. Segundo Carvalho (2009), esses elementos apresentam um significado que foge à semântica e, muitas vezes, à sintaxe da língua, sendo o conhecimento linguístico insuficiente para sua compreensão. Esses elementos são comumente denominados unidades fraseológicas (doravante UFs), que muitas vezes não são compreensíveis apenas com o conhecimento do vocabulário e da gramática da língua, elas só podem ser compreendidas em sua relação com a cultura.

Assim, essas expressões são representações da cultura linguística de um povo e para compreender uma língua precisamos concebê-la também como elemento cultural que sofre influência de outros elementos. Pois, como afirmam Soler e Rodriguez: (2008: 44)

Todos temos em comum universais humanos (cenários, *frames*), que, no entanto, vêm matizados por cada cultura, de maneira que possuem valores específicos e diferenciados. Assim, as sociedades possuem suas próprias visões de mundo, atitudes e condutas sobre diversos temas e circunstâncias, distinguindo-se assim as distintas comunidades culturais.<sup>2</sup>

Santamaría Pérez (2000) afirma que um falante de língua estrangeira jamais fará parte da comunidade linguística de outra língua se não conhecer estruturas linguísticas fixas que são tão próprias de um povo e que expressam as funções básicas da comunicação, como a saudação, gratidão ou despedida.

---

<sup>2</sup> Tradução nossa do original “Todos tenemos en común universales humanos (escenarios, *frames*), que, sin embargo, vienen matizados por cada cultura, de manera que poseen valores específicos y diferenciados. Así, las sociedades poseen sus propias visiones del mundo, actitudes y conductas sobre diversos temas y circunstancias, distinguiéndose así las distintas comunidades culturales.”

## **CULTURA E O LIVRO DIDÁTICO (LD)**

O ensino de línguas estrangeiras é um trabalho que há tempos vem sendo desenvolvido; no entanto, foi na segunda metade do século XX que este processo se desenvolveu mais amplamente. Neste período, desenvolveu-se a Linguística Aplicada (LA), “área de conhecimento explícito, objetivo e sistemático” (Almeida Filho, 2009:11) que se ocupou de estudá-lo cientificamente.

Com o desenvolvimento deste ramo do ensino e, conseqüentemente, da LA, o desenvolvimento de materiais didáticos voltados ao ensino de línguas também apresentou um crescimento. Contudo, o ensino de línguas ainda é um processo bastante discutido entre os linguistas aplicados, bem como o processo de elaboração e análise dos materiais didáticos (livros, CDs, DVDs, softwares, etc.) que o subsidiam.

O ensino de línguas, seja materna ou estrangeira, sofre a influência de fatores diversos. Um desses fatores é o material adotado pelo professor como suporte ao desenvolvimento do seu trabalho. Neste artigo, iremos analisar somente um tipo desses materiais, o LD de Português para falantes de outras línguas.

Os primeiros livros didáticos de PLE apresentavam-se em pouca quantidade e eram de difícil acesso, o que obrigava os professores a criarem seus próprios materiais didáticos. Contudo, o ensino de PLE tem apresentado um desenvolvimento considerável nas últimas décadas, graças à iniciativa de universidades brasileiras e a dedicação de linguistas que têm se ocupado em estudar e expandir o PLE no mundo. Com isso, os materiais didáticos também têm apresentado evolução em quantidade e qualidade.

Todavia, os LDs de PLE analisados, embora com qualidade, ainda apresentam algumas colunas por preencher. Considerando que o LD, segundo Diniz, Stadiotti e Scaramucci (2009), é o principal referencial de um professor de LE e pode afetar ou mesmo determinar o planejamento do curso pelo professor, há que se considerar que ele carrega a cultura da língua e a escolha deste deve ser bem pensada por parte do professor, pois ele irá interferir na visão de mundo que os alunos terão sobre os falantes nativos da língua em estudo.

## **UNIDADES FRASEOLÓGICAS (UFs)**

A linguagem é instrumento de comunicação que permite a interatividade entre os

falantes de uma língua e como tal sofre influência dos sujeitos que a utilizam. A língua, portanto, não é constituída apenas por elementos gramaticais. Existem no sistema de língua expressões que são formadas por duas ou mais palavras e que, por sua repetição no uso, adquiriram uma fixação na língua. Muitas vezes essas expressões possuem um valor semântico que não corresponde ao sentido literal das palavras que as compõem. A essas expressões, denominamos **unidades fraseológicas** (UFs).

O termo **fraseologia** tem sido utilizado para referir-se tanto à disciplina que estuda as UFs como ao próprio conjunto de UFs de uma língua, sendo considerada ora como disciplina autônoma, ora como subárea da linguística, dentro da Lexicologia. O uso do termo **unidades fraseológicas** também é controverso, visto que são utilizados outros termos tais como expressões fixas ou expressões pluriverbais para referir-se a essas expressões. Optamos, neste trabalho, pelo termo **unidades fraseológicas** por ser este o mais utilizado pelos autores citados neste artigo, e por **fraseologia** a área de estudo destas unidades.

Dessa forma, as unidades fraseológicas são objeto de estudo da Fraseologia, ramo da linguística que se desenvolveu na segunda metade do século XX. O estudo dessas unidades teve seu início nos estudos de Saussure, quando ele fazia referência às expressões fixas da língua, que foram mais bem estudadas por Bally, aluno de Saussure, em seus estudos estilísticos. Mais tarde, na antiga União Soviética, a Fraseologia atraiu a atenção de vários estudiosos que estabeleceram as bases dos estudos fraseológicos.

Como afirmamos acima, UFs são “expressões” formadas por duas ou mais palavras que apresentam fixação e repetição no uso. Para Zuluaga Ospina (1999), as UFs são construções linguísticas que existem pela união fixa de duas ou mais palavras. Corpas (1996) acrescenta que esta união pode alcançar o nível das orações compostas.

Algumas características podem identificar uma UF, visto que estão presentes em grande parte destas unidades.

De acordo com Ruiz Gurillo (1997), a **fixação** é a característica diferencial das UFs. Essas expressões são aprendidas de memória, são repassadas de geração a geração, sempre em bloco, o que faz com que a variação dessas estruturas seja mínima ou escassa. No entanto, de acordo com a autora, a fixação, embora seja diferencial nas UFs, não pode ser utilizada como parâmetro, dissociada de outras características que veremos a seguir.

Uma característica fundamental para a identificação de uma UF já era citada por Bally (1909) e Casares (1961), a **pluriverbalidade**, ou seja, toda UF é composta por, no

mínimo, duas palavras.

Outros autores, entre os quais Tagnin (2005) e Ortiz Alvarez (2007) apontam ainda a **idiomaticidade** que, embora não esteja presente em todas as UFs, é apontada como traço característico dessas expressões. Ela diz respeito ao fato de as UFs não possuírem sentido literal, ou seja, seu valor semântico geralmente não corresponde à soma de seus elementos, sendo seu sentido opaco e não transparente.

Com base no que foi exposto, consideramos para análise as categorias de UFs definidas abaixo:

As **fórmulas de rotina**, de acordo com Tagnin (2005), são aquelas utilizadas no cotidiano, como forma de educação, e o seu não uso deixa o falante na condição de mal educado. Segundo Corpas (1996), seu uso é determinado pelas situações comunicativas que as exigem.

Os **provérbios** são fórmulas que apresentam alto grau de fixação, que passam um ensinamento moral e estão ligadas à cultura na qual estão inseridas. Segundo Corpas (1996), estas expressões possuem significado referencial e autonomia textual.

As **expressões idiomáticas** são, de acordo com Nogueira (2008), expressões convencionalizadas que não possuem significado transparente, ou seja, seu significado não pode ser compreendido pela soma de seus elementos.

Corpas (1996) define as **colocações** como composições de palavras que apresentam certo grau de fixação consagrada pelo uso, mas que, do ponto de vista do sistema da língua, seriam sintagmas livres. Tagnin (2005) acrescenta que, nestas expressões, um elemento é pleno semanticamente e o outro não tem valor por si só. A seguir, veremos exemplos de cada uma destas categorias presentes nos livros analisados.

## UFs NOS LIVROS DE PLE

Nos livros analisados, percebemos que há a abordagem de algumas UFs e, embora não se detenha em um estudo abrangente sobre elas, há uma leve preocupação por parte do autor em levar essas expressões ao aluno que estuda Português como língua estrangeira.

Este contato se dá como mera informação ou curiosidade de como algumas coisas podem ser ditas na língua. Em alguns casos, as UFs são utilizadas apenas como pano de fundo para uma atividade escrita ou oral, que são competências a serem desenvolvidas, sem dúvida, mas as UFs não são tratadas com a importância que possuem. Não há,

portanto, um estudo sistematizado, onde as UFs sejam abordadas como elementos importantes na língua e fundamentais para a aprendizagem dos falantes de outras línguas que se dedicam ao estudo da língua portuguesa.

Nos livros de nível básico, as primeiras UF que surgem são as fórmulas de rotina, inseridas em diálogos do cotidiano. Em seguida, encontramos com maior frequência algumas colocações verbais, os provérbios e as expressões idiomáticas, além das gírias no material voltado ao público jovem. Essas expressões são mostradas ou colocadas para que o aluno as ouça. Em alguns casos não há nenhuma atividade que contemple as expressões, sendo feita apenas uma leitura destas.

No quadro a seguir, mostramos as UFs encontradas nos livros analisados: Estação Brasil (EB); Diálogo Brasil (DB); Português Básico para Estrangeiros (PBE); Tudo Bem? (TB).

#### ● Expressões Idiomáticas (EIs)

Vida de cão, Bom pra cachorro, Ruim pra cachorro (EB).

Morrer de rir. (PBE)

Lágrimas de crocodilo (TB)

#### ● Provérbios

Mais vale um pássaro na mão do que dois voando; Quem ama o feio, bonito lhe parece; de grão em grão a galinha enche o papo; Em terra de cegos quem tem um olho é rei; Quem não tem cão caça com gato; Quem ri por último, ri melhor; Em boca fechada não entra mosquito. (PBE)

Quem tem pressa come cru; Quem avisa amigo é; Não adianta chorar o leite derramado; A cavalo dado não se olham os dentes; A união faz a força; Casa de ferreiro, espeto de pau; Tal pai, tal filho; Filho de peixe, peixinho é. (TB)

#### ● Fórmulas de Rotina (FR)

Com licença; Bom dia; Boa tarde, Boa noite; Até mais; Até logo; Até breve; Até mais tarde. (TB)

Tudo bem? Bom dia; Muito prazer; Como vai? (DB)

#### ● Colocações

Dar razão; Dar certo; Levar a mal; Levar a sério; Se sair bem; Se sair mal; (PBE)

Em cima da hora; Perder a hora; Fazer hora; Não ver a hora; Na hora “h”; Horas e horas; Em boa hora; Ter hora marcada. (TB)

Observando os dados obtidos, percebemos que há uma preferência na abordagem dos **provérbios**, sendo estas unidades as mais utilizadas, ainda que como pano de fundo para a produção textual ou desenvolvimento da oralidade, sem maiores detalhes ou aplicações do sentido extraído da expressão e contextos de uso e, ainda, sem relacioná-los à cultura da comunidade de fala.

As **expressões idiomáticas** aparecem como curiosidade e também subsidiam produções textuais. As **fórmulas de rotina** e as **locuções**, por sua vez, são mais amplamente abordadas com explicações, exercícios e alguma contextualização, como, por exemplo, a encenação de diálogos onde estas são utilizadas. Isto se deve ao fato de que as fórmulas de rotina são utilizadas constantemente nos diálogos iniciais e as locuções não são formadas apenas por nomes, mas por verbos que ganham novos significados quando utilizados com palavras em uma união que já se tornou fixa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados obtidos nesta pesquisa, podemos verificar que as UFs começam timidamente a figurar nos materiais didáticos de PLE, ainda que de maneira lenta. A cultura nestes materiais ainda é representada por música, comida e literatura típicas do Brasil, no entanto, os LDs ainda não apresentam, de forma sistemática, as estruturas linguísticas que sofrem influência direta da cultura.

Embora as UFs já estejam presentes nos livros analisados, elas ainda são apresentadas ao aluno como mera curiosidade da língua, pois como elas precisam ser aprendidas uma a uma, por não haver regra que as gere, seu estudo sistemático se torna um desafio que, muitas vezes, pode parecer “um bicho de sete cabeças”.

Um tratamento mais detalhado das UFs em livros didáticos de LE possibilitaria ao professor e aos alunos um contato maior com a língua em estudo, tornando o aprendiz mais competente na língua-alvo. O não conhecimento destas estruturas pode deixar o aprendiz em condição de constrangimento quando em contato com falantes nativos. Fillmore (1979) utilizou o termo “falante ingênuo” para referir-se ao falante que é incapaz de reconhecer essas estruturas e que não reconhece lexemas e frases idiomáticas de uma língua.

É verdade que a abordagem dessas unidades é algo trabalhoso e requer conhecimento cultural por parte do professor para um trabalho proveitoso. Por elas



serem adquiridas naturalmente pelos falantes nativos, no convívio social, pode parecer que estas expressões não sejam importantes a um falante estrangeiro. Porém, seu estudo se faz importante justamente por ser utilizado constantemente e naturalmente pelos falantes de uma língua e por não serem, estas unidades, encontradas facilmente em gramáticas e dicionários.

Na opinião de González-Rey (2007), as UFs sempre foram relegadas a segundo plano, deixadas de lado e, por vezes, sequer mencionadas em livros dedicados ao ensino de língua estrangeira.

Diante do exposto, defendemos a ideia de que as unidades fraseológicas precisam ocupar um espaço de maior destaque nos materiais didáticos que visam ao desenvolvimento de uma competência linguística em língua estrangeira, pois o conhecimento dessas unidades não configura apenas curiosidade sobre a língua. Mais que isso, é o conhecimento das possibilidades da língua, de como os falantes deste idioma se expressam e da forma como a cultura interfere neste falar. Conhecer as UFs é possuir domínio da expressão real de um povo, não se restringindo ao mero conhecimento gramatical deste.

## REFERÊNCIAS

- Almeida Filho, J. C. P. De (2009). *Linguística aplicada - ensino de línguas e comunicação*. Ed. 4. Campinas, SP: Pontes Editores e Arte língua.
- Almeida, M. A. B de. & Gutierrez, G. L. (2004). Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas. In. *Conexões*, 1, 48-62.
- Bally, C. (1909). *Traité de stylistique Française*. Heidelberg: Winter.
- Bizon, A.C & Fontão, E. (2005). *Estação Brasil*. Campinas: Editora Átomo.
- Carvalho, G. L. (2009). As unidades fraseológicas: um desafio para a internacionalização da língua portuguesa. In: *II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Évora. No prelo.
- Casares, J. (1961). *Cosas del lenguaje*. Madrid: Espasa-Calpe.
- Corpas, G. (1996). *Manual de fraseologia española*. Madrid: Gredos.
- Diniz, L. R. A.; Stradioti, L. M. & Scaramucci, M. V. R. (2009). Uma análise panorâmica de livros didáticos de português do Brasil para falantes de outras línguas. In: Dias, R & Cristóvão, V. L. L. (Eds.) *Livro didático de língua estrangeira: múltiplas perspectivas* 265-304. Campinas, SP: Mercado de Letras.

Fillmore, C. J. (1979). "Innocence: a Second Idealization for Linguistics." In: *Berkeley Linguistic Society*.

Geertz, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro:Zahar.

Gonzales-Rey, I. (2007). *La didactique du français idiomatique*. Fernelmont: E.M.E.

Mattes, M. & Theobald, P. (eds.) (2008). *Ensino de línguas: questões práticas e teóricas*. Fortaleza: Edições UFC.

Nogueira, L. C. R. (2008). *A presença das expressões idiomáticas (Eis) nas salas de aula de E/LE para brasileiros*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade de Brasília.

Ortiz Alvarez, M. L. (2002). Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: Cunha, M. J. C & Santos, P. (eds.). *Tópicos em português língua estrangeira* 156-171. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Ruiz Gurillo, L. (1997). Aspectos de fraseologia teórica española. In: *Cuadernos de filología*. Valencia: Universidad de Valencia.

Santamaria Perez, M. I. (2000). *Tratamiento de las unidades fraseológicas em la lexicografía bilingüe español-catalã*. Tese de doutorado inédita, Universidade de Alicante.

Soler, N. P & Rodriguez, J. J. B. (2008). Unidades fraseológicas y Variación. In: *Ogigia: revista electrónica de estudios hispánicos*. 3, 43-52.

Tagnin, S. E. (2005). *O Jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas*. São Paulo: Disal.

Zuluaga Ospina, A. (1999) *Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas*. PhiN,. Disponível em: [www.phin.de](http://www.phin.de). Acesso em 05 fev. 2010.

## A AUTORA

**Gislene Lima Carvalho** é graduada em Letras com habilitação em português e espanhol e mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará com pesquisa na área de ensino de Português Língua Estrangeira. Atua como professora na rede estadual de ensino.

e-mail: [gis\\_carvalholima@hotmail.com](mailto:gis_carvalholima@hotmail.com)